

UMA NOVA SOCIEDADE

Certas pessoas que não conhecem o sindicalismo senão pelos informes tendenciosos que a imprensa capitalista lhes dá, assaltam-nos com perguntas ingénuas, quando lhes explicamos que, ao contrário do que os reaccionários propalam, desejamos estabelecer na sociedade uma harmonia perfeita, que não dê lugar à exploração do homem pelo homem: nem às injustiças que pesam, actualmente, sobre a classe trabalhadora.

Elucidadas acerca do nosso ideal de perfeição, essas pessoas ingénuas pretendem, em regra, saber minuciosamente de que maneira se poderia manter uma sociedade que não tivesse um Estado capitalista, nem as respectivas instituições que o regem. Assim, quando lhes dizemos que o parlamento, os ministérios, as câmaras municipais desapareceriam no cérebre dessas pessoas, mal preparadas para receber de choque um golpe tão profundo nas suas opiniões rotineiras, estabelece-se fácil confusão.

Ora, de facto, só aos mortais que tivessem o dom de adivinhar, seria possível delinear, pão, pão, queijo, queijo, a sociedade futura. Mas se adivinhar não podemos, deu-nos a natureza a faculdade de deduzir, e é deduzindo, e não estabelecendo um programa rígido que futuras circunstâncias poderiam alterar, que nós asseveramos aos incredulos que a actual Organização Operária reúne já, embora em embrião e imperfeitas, as instituições que amanhã, após uma revolução proletária triunfante, poderiam substituir, com vantagem para o operariado, as principais instituições capitalistas.

A reunião no seio da C. G. T., de todas as profissões, dá-lhe a supremacia no conhecimento de todas as questões que se relacionam com o trabalho e a produção.

Partindo do princípio de que todos os ramos de actividade humana estarão logicamente entregues aos sindicatos respectivos, isto é, a terra às associações rurais, agrupadas na sua federação, a metalurgia aos sindicatos de operários e técnicos metalúrgicos, agrupados na sua federação, os trabalhos marítimos e fluviais organizados do mesmo modo, e assim sucessivamente, compreender-se há que, em vez de ministérios incompetentes dirigindo todo o trabalho, teríamos as federações de indústria substituindo esses ministérios e recebendo dos sindicatos a influência e os subsídios de ordem particular em cada fábrica, oficina e localidade, para melhor traçar a sua conduta respeitante aos problemas nacionais de cada indústria. Teríamos ainda a reunião de representantes de todos os sindicatos de cada localidade, formando, portanto, a União dos Sindicatos, para substituir com vantagens as actuais câmaras municipais. E, em vez dum parlamento burguês, formado por papagaios de luxo que não percebem nada, teríamos a reunião periódica de representantes de todas as federações e de todas as uniões de sindicatos, que constituiriam um conselho nacional de técnicos abalisados que, entendendo-se entre si, concertariam harmonicamente os interesses de todo o país produtor, desde o mineiro ao artista, do pedreiro ao arquitecto, do metalúrgico ao escritor, do canteiro ao actor.

Assim, esse conselho confederal, livre das perseguições e das horribes condições de trabalho que a sociedade burguesa actualmente lhe impõe, seria uma assembleia muito mais competente e cónsua da sua missão (visto que saía directamente do povo) do que as assembleias de deputados alcandorados miraculosamente, pelas batotas reles dos caciques de aldeia, ao poder legislativo do país.

Este problema, tão complexo que não se pode descrever cabalmente em algumas linhas dum artigo, deve merecer, parece-nos, o estudo aturado dos militantes que poderão dar-lhe desenvolvimento e aperfeiçoamento.

Um «cirineu» em liberdade

BERLIM, 16.—Foi posto hoje em liberdade Henry Barmat, um dos implicados no escândalo político e financeiro do Banco da Prussia.—L.

O centenário de Camilo Castelo Branco e a especulação desenfreada que se faz com a memória do grande escritor que morreu na miséria

O centenário de Camilo Castelo Branco foi uma vergonha: o povo retraiu-se, tocou da máxima indiferença—a comemoração não teve sinceridade, nem inteligência, nem lógica.

Camilo Castelo Branco foi um dos escritores mais desgraçados deste país. A inteligência que o perseguia em vida, continua acometendo-o a pesar-dele ter morrido há 110m par de anos. Como romancista, Camilo deixou uma obra irregular, em que o génio espadaneu vigorosamente, algumas vezes com proveito, outras esgotando-se no mesmo motivo, nos mesmos personagens, nas mesmas situações disfarçadas com dificuldade.

O maior inimigo da qualidade é a quantidade. Camilo, tendo escrito muito, escreveu de mais. A sua obra podia reduzir-se, sem desprestígio, até com vantagem para a memória do escritor, à décima parte dos volumes que deixou.

O seu génio vem, não de criações duma excepção estética, duma incomparável técnica, mas de—tirante um ou outro volume páginas brilhantes, ricas de estilo e de maravilhosa improvisação. Por que se repetiu tanto o escritor? Em primeiro lugar porque lhe escasseavam aquelas faculdades construtivas necessárias à factura duma obra que perdure. Examine-se ao acaso Balzac, Zola, Victor Hugo, entre os estrangeiros; Eça de Queiroz, entre os portugueses. Todos estes autores têm uma obra que fica, porque foi bem meditada e urdida; obra que contém muitos e admiráveis quadros, traçados vigorosamente; páginas do mais inspirado lirismo alternadas com o mais rigoroso e intenso realismo; cenas bem desenhadadas, rigorosas criações, sínteses admiráveis de humanidade em que está todo o riso, todo o sofrimento, toda a dignidade, toda a submissão, todo o ridículo.

Ele é o Luciano Ribeiro das *Musões Perdidas*, o Jean Valjean, dos *Miseráveis*, o Suvarine do *Germinál*, o conselheiro Acácio do *Primo Basílio*. É Camilo? Al está a Mariana do *Amor de Perdição*, tossindo e chorando, a demonstrar-me que por toda a obra de Camilo existem muitos personagens suas irmãs, duma tal semelhança, que parecem gêmeas. O brasileiro de Camilo? Quantos irmãos, tam semelhantes que parecem o mesmo, ele possui?

Estamos daqui a ouvir os tuivos do feroz rebanho camilhanista que vertidos para voz humana traduzem a observação de que foram as necessidades de Camilo a razão da quantidade de volumes que parecem um só e o mesmo volume. Assim foi. Escrevendo num tempo em que 90% da população vivia e morria na mais densa ignorância e no mais completo analfabetismo, atravessa grandes e cruciantes e cotidianas dificuldades.

O autor do *Amor de Perdição* quis fazer das letras uma profissão, pretendendo viver exclusivamente da sua pena. Foi uma temeridade que revela grande mérito, estoica coragem, mas que inferiorizou o seu talento, desvalorizou a sua obra e desgraçou a sua vida. Ser escritor nunca foi em Portugal uma profissão. Não há público que o mantenha, nem editores que se convençam de que o escritor é um trabalhador a quem se não pode negar um salário.

E Camilo foi uma vítima fácil, mercê das suas urgentes penas, das suas ansiosas precisões, nas garras de editores sem escrúpulos. O roubo de que ele foi vítima pode resumir-se nesta síntese: Camilo suicidou-se em plena miséria, os editores enriqueceram.

Rebelde, mas duma rebeldia que foi o avesso de todas as rebeldias, Camilo zarçou-nos nos padres sem deixar de ser católico, fugiu aos reis, a pesar de ser monárquico... Zumbou das comendas dos brasileiros de torna viagem e da sua pretensão em conquistarem títulos de nobreza, sem deixar de mostrar um grande empenho em ter um título, ser barão ou visconde... E foi visconde ainda que, em cartas particulares ironizasse o seu título, o título que afinal de contas tinha perdido...

Este rebelde em vez de atacar as escolas literárias ou as doutrinas políticas do passado, tratou impiedosamente as que surgiram no seu tempo, perseguindo-as com seus formidáveis sarcasmos. Zola e o realismo eram-lhe intoleráveis e contra a corrente literária daquele formidável renovador, chegou a escrever um livro—*Eusebio Macário*—parodiando-o; livro que mereceu reprovações comentárias a Guerra Junqueiro... Com os mesmos sarcasmos feriu o ateísmo e o materialismo.

Panfleto formidável brandiu as suas ironias sangrentas, a esmo, ora ridicularizando um imbecil ora criando de injustiças, o que no seu tempo foi o progresso, a beleza e a verdade...

O centenário foi mais um atentado. Pior do que a praga de gafanhotos que assolou, em bíblicos tempos, o Egipto é a dos livros que inundaram todas as montras e mercados. Centenas de livros contra Camilo, disfarçados em rafeiras homenagens, ocultando, numa erudição mesquinha de quem escrevia vidas, pela frincha dum porta, uma avidez de dinheiro, a mais desmentida das agiotagens. A desgraça de Camilo, a Ana Plácido que foi o grande drama e grande ternura sentimentais do suicida, o filho que era maldito, as cartas que escreveu a vários massadores anónimos, tudo isso tem sido posto a vender, a produzir esplendidos bens. Camilo dá-nos o efeito dum objecto penhorado a 500%, ao ano!

O camilhanismo não é uma homenagem, é uma exploração; não é uma sinceridade, é uma indústria.

O centenário de Camilo não foi a glorificação de Camilo. Foi a impunidade dos camilhanistas tornada apoteose. Que obras editaram os camilhanistas? As de Camilo? Não. As suas que falam constantemente em

O generoso capitalismo

Na Rússia impera o banditismo, mas em Portugal é que se morre de fome...

Alguem teve a lembrança de, ao referir-se às «forças vivas», chamar-lhes **forças vivas**. Realmente a força se fôsse restabelecida em Portugal não ceifaria mais vidas inocentes do que a acção dos «cirineus» de balcão e da alta finança tem ceifado neste país.

Todos os dias chegamos ao nosso conhecimento casos de imensa miséria provocados pelos capitalistas que predominam e mandam nesta sociedade maldraça.

A especulação que se tem feito com o preço dos géneros tem atirado para as gar-

aqui, em Portugal, perante a sórdida e criminosa indiferença do capitalismo «generoso».

Ainda ontem ao alto da sua terceira página, se lia no *Século*:

«SINTRA, 14.—C.—Uma pobre rapariga residente perto desta vila e que está criando um filhinho, vive em tais condições de miséria, que esteve dois dias sem comer».

A tragédia do desgraçado lar conduziu algumas pessoas, mas só uma vizinha, quasi tão necessitada como a infeliz mãe, a quem socorreu os dois entes, repartindo com eles o seu parco alimento.



Quem desmascará-los? Tirem-lhes isto...

ras da tuberculose inúmeras mães muitos, trabalhadores e crianças inocentes.

Para mascarar os seus crimes provenientes das negociações com os alimentos, da falsificação dos géneros, do leite principalmente que tantas crianças tem assassinado e do pão que já tem levado famílias ao hospital, as «forças vivas»—as forças vivas—compraram um jornal por dez mil contos (o suficiente para construir um bairro operário) e das suas colunas fazem uma campanha vesga contra o bolxevismo russo que classificam de sanguinário e brutal. Mas o pior é que mesmo sem quererem os «cirineus», descuidam-se em publicar no jornal que diz cobras e lagartos do bolxevismo, notícias de misérias que se passam

Camilo para o denegrir, para lhe publicar cartas, algumas das quais talvez tivessem sido inventadas.

Causa a maior das repugnâncias por ser a mais cínica das explorações, este centenário de Camilo, sem entusiasmo, sem inteligência, nem sentimento...

Se Camilo fosse vivo, morreriam algumas artísticas reputações e não ficavam inteiras algumas costelas...

C. L.

Ontem houve: na rua da Rosa a afixação da lápide na casa em que nasceu ou se presume ter nascido Camilo. Em frente do prédio n.º 9 juntaram-se meia dúzia de pessoas—além dos elementos mais pitorescos do Bairro Alto. E falaram os sr. Lúcio de Menezes, Alberto Pimentel, Alexandre Ferreira que sustentaram que Camilo tinha nascido ali... era um grande escritor!

No Teatro Nacional: às 15,30 uma sessão solene, com a plateia às moscas... A noite recita de gala com «Duas senhoras e três crianças», peça em um acto de Camilo, e alguns discursos.

«SEMANA DA CRIANÇA»

A Comissão Organizadora da «Semana da Criança» foi enviada o seguinte documento:

«A Direcção da Associação de Classe de Lisboa, realiza-se amanhã, em local e hora que nesse dia serão anunciadas, uma sessão comemorativa do 54.º aniversário da Comunidade de Paris. Devem usar da palavra delegados do Núcleo, Federação das Juventudes, C. G. T., U. S. O. e Federação Anarquista do Centro».

Uma epidemia em Manchester

LONDRES, 16.—Deram-se já em Manchester alguns casos fatais duma epidemia, cujo germe se desconhece e se desenvolve em Chicago, onde produziu muitas vítimas.

Os seus sintomas são a infecção repentina dos órgãos respiratórios.

Qual o destino da miserável criança que não tem culpa de haver nascido? Se lhe não acudir e a mãe, morrerão ambos de fome.

Isto passa-se ali na formosa e opulenta Sintra, isto passa-se em Portugal onde os capitalistas são bondosos e amáveis...

E quantas cenas de miséria como aquela de Sintra não existem por esse país fora?

Já por acaso o *Século* entrou nos lares dos desempregados que por culpa da «generosa classe capitalista» que fechou as portas das suas fábricas, há perto de seis meses curtem fome e frio?

Os banditos, afinal estão todos na Rússia, mas em Portugal, mercê da «bondade» do capitalismo, é que se morre de fome...

Serões populares de Arte

A Universidade Popular Portuguesa resolveu promover na sua sede uma série de serões de Arte, destinados especialmente às classes populares, e para os quais já conta com a colaboração das primeiras individualidades do nosso meio musical.

O primeiro serão realiza-se já na próxima sexta-feira, pelas 21 horas, na sede da Universidade—rua Particular Almeida e Sousa, à Estrêla, sendo organizado pelo ilustre sub-director do Conservatório, sr. Freitas Branco.

Os bilhetes distribuem-se todas as noites das 20 às 23 na Universidade.

Morreu o biólogo Wassermann

BERLIM, 16.—Faleceu o notável sabio biólogo August Von Wassermann, autor da conhecida reacção determinante da aversão, que tem o seu nome.—L.

A COMUNA DE PARIS

Sessão comemorativa

Promovida pelo Núcleo Sindicalista de Lisboa, realiza-se amanhã, em local e hora que nesse dia serão anunciadas, uma sessão comemorativa do 54.º aniversário da Comunidade de Paris. Devem usar da palavra delegados do Núcleo, Federação das Juventudes, C. G. T., U. S. O. e Federação Anarquista do Centro.

No Centro Socialista

No Centro Socialista, rua do Bemfornoso, 150, 1.º, realiza-se às 21 horas, uma sessão pública para a qual estão convidados a usar da palavra, socialistas, comunistas, sindicalistas e anarquistas.

A mesma hora, realizam-se conferências no Centro Socialista 18 de Março, calçada da Ajuda, 69, 1.º e no Centro Socialista do Monte Pedral, rua da Graca, n.º 192, 1.º.

«OS MILAGRES DA FÉ»

Uma perigração a Fátima mata um perigrino e fere 14! ou duas estradas sangrentas e fatais

«Não se rie onde se chora». E em Reguengos de Fetal, há lágrimas, há sofrimento, há dor, convertida, como ficou, provisoriamente, desde antontem em hospital, um hospital com 14 pessoas internadas.

Reguengos de Fetal que está a 13 quilómetros de Leiria foi atravessado por uma camionete que próximo daquela localidade quebrou o travão e se voltou. Vinha de Fátima e trazia 16 perigrinos. Um deles—D. Felismina da Silva Fialho, morreu instantaneamente, 14 companheiros de fé ficaram feridos em maior ou menor gravidade. Apenas uma criança de 6 anos, «miraculosamente» se salvou, ficando intacta, sem uma arranhadura.

Ter-se-á voltado aos heróicos tempos cristãos em que a fé era inseparável do martírio e este ia, muitas vezes, até à morte?

Assim parece. Lourdes, todos os anos custa dezenas de mortes; comboios que descarrilam, comboios que se entrecrocaram, «camionettes» que se voltam, fazendo em pedaços os seus passageiros que são fragmentadamente metidos em cemitérios próximo da capital dos milagres. Fátima começa também a criar uma lenda trágica; as estradas que a ela conduzem são molhadas pelo sangue dos justos, improvisados cemitérios dos inocentes. Ir a Fátima desde este ano, como ir a Lourdes nestes anos últimos é uma temeridade que se paga com fracturas de braços e pernas, grande contribuição de sangue e ingresso inesperado no cemitério e na vida eterna.

«Não se rie onde se chora», mas Deus está sorrindo, está zombando e escandalosamente e cruelmente dos fiéis. E a zombaria cara, tão cara que custa a vida, faz pensar que Deus não sabe tornar a mão leve quando brinca: suas graças são pesadas como as dos maiores sensaborões e fatais como os tiros dos polícias quando perseguem um preso subitamente evadido.

«Não se rie onde se chora»—mas Deus troca violentamente da vida dos fiéis, o mais estimável de todos os seus bens.

«As Novidades» não poderiam dar-nos uma explicação satisfatória destes desastres? Deus, em espírito está com aquele jornal decerto inspiraria uma boa resposta se ela não fosse demasiado arriscada, pondo as igrejas em perigo de sofrerem uma grande redução nos que vão, dominicalmente, assistir às missas.

Por raciocínio—por aqueles raciocínios incapazes de esfarelar os dogmas e a infalibilidade papal—não recamos de dar aos nossos leitores uma resposta à interrogação—resposta que substitui, com vantagem, o silêncio das *Novidades*—silêncio que é de medo, apenas.

Qual é a maior aspiração do crente senão comunicar com Deus? E que maior desejo seria o dum devoto senão comunicar com Deus, perto de Deus? Estar fitando a Divindade com estes olhos mortais que só vislumbram as coisas terrenas...

Os peregrinos de Fátima, como os de Lourdes, tinham esse desejo. Deus, bom e magnânimo e generoso levou-os deste mundo e chamou-os à sua divina presença. Morrer em peregrinação torna-se, pois, um privilégio. Se procurar na fé, a cura dos males para os quais a ciência se confessa impotente será um desejo cristão, mas é um desejo egoísta. E Deus com um desastre de comboio ou de «camionette», abre-lhes a porta do céu mais cedo, purifica-os de todo o egoísmo, torna-os tão admiravelmente martires, como os primitivos cristãos o foram.

«Não se rie onde se chora»—dirão. De certo. Mas a morte surgiu tão estupidamente nas estradas da fé que conduzem a Deus, como nas estradas que conduzem a Alhos Vedros ou a Carregal do Sal, faz rir. Rir de tristeza, dessa tristeza indizível que nos causa a humana asneira, a superstição humana, que a tudo resiste e que nem a morte consegue matar...

Universidade Popular Portuguesa

Conferências e cursos

Durante a presente semana realizam-se, promovidas pela Universidade Popular Portuguesa, as seguintes conferências: Hoje, no Sindicato da Construção Civil, pelo dr. sr. Câmara Reis, sob o tema que damos noutro lugar; amanhã, na sede da Universidade, sobre Camilo Castelo Branco, pelo dr. sr. Prado Coelho e na secção da Construção Civil e Metalúrgica do Alto do Pina, pelo dr. Santa Rita, acerca da *História da Civilização*; na quinta-feira, no Sindicato do Pessoal dos Arsenalistas do Exército, pelo dr. sr. Pedro José da Cunha, primeira da série sobre *Astronomia*; e na mesma noite no Sindicato Unico Metalúrgico, pelo secretário geral da Universidade dr. sr. Ferreira de Macedo, sobre *Invenções*.

Em todas estas conferências a entrada é pública.

Na sexta-feira efectua-se, na sede da U. P. P., um serão de arte social, o primeiro do corrente ano, destinado aos sócios da Universidade, que devem requisitar ali, a partir da noite de hoje, os bilhetes especiais.

O curso de *Higiene e puericultura*, destinado a senhoras, está suspenso temporariamente, em virtude da distinta médica sr. D. Adelaide Cabete, que o vinha dirigindo, ter que partir em breve para a América do Norte. Mantém-se, devendo ter hoje mais uma lição, o curso *Educação para a vida*, da regência do professor Emílio Costa.

O conselho administrativo reúne hoje, com a assistência dos delegados de todas as secções.

O CRIME DO BECO DA GALHETA

O cortejo fúnebre dissolvido à espadelada pela guarda republicana

Mais sangue ontem correu a completar a obra de banditismo de que foi teatro há oito dias o beco da Galheta. Manuel de Brito, o infeliz operário miseravelmente assassinado nas condições narradas pela *Batalha* no referido beco, e que foi ontem a sepultar no cemitério da Ajuda, parece que estava predestinado a morrer tam barbaemente e a sepultar-se em condições ainda mais sinistras.

O destino assim o tinha marcado, a lei fatídica das circunstâncias assim o tinha escrito no seu macabro livro.

Não era preciso motivo nem razão plausível. Bastava um pretexto, um mero incidente para que a força pública lançasse sobre a sua vítima ainda quente o ódio sinistro, a sua vingança baixa e miserável. Nada já sofreria Manuel de Brito, mas pagariam com a vida todos os que ousassem protestar contra o crime, todos os que o acompanhasssem à última morada a dar-lhe o último adeus. Foi o que se deu em condições que vamos relatar.

Às 14 horas, centenas de pessoas de Alcantara e lugares circunvizinhos, aguardavam em frente da Morgue a saída do funeral daquele operário. Mal o cortejo se pôz em marcha toda aquela multidão com correção impecável alinhou-se, notando-se em todos uma visível expressão de repulsa pelo crime num misto de sentida homenagem.

O préstito atravessando a rua da Palma chegou a Santos sem outro incidente do que aquele que a curiosidade motiva e dá curso. Aqui já o cortejo tinha engrossado consideravelmente com gente vindo de todos os lados. Não restava a menor dúvida. O crime tinha provocado os protestos dos moradores daquele bairro que encontraram nesta manifestação ensejo para afirmarem contra ele a sua repulsa.

Quando o funeral entrou no beco da Galheta três polícias pretendiam impedir a sua regular marcha. Não o conseguiram, porém. Sempre em ordem o cortejo demorou-se aqui algum tempo para ser colocado sobre o atafú de uma corôa.

Novamente em marcha, o cortejo conseguiu chegar à calçada da Tapada cerca das 16 horas.

Porém a polícia da esquadra do Calvário ordenara rigorosamente que alguns estabelecimentos encerrassem as suas portas. Certamente não era por sentimento...

Havia a premeditação, o propósito de provocar o acontecimento para que as gazetas de novo assinalassem a sua obra, bem revoltante por sinal. Inventou-se que alguém do cortejo pensava em frente da esquadra pronunciar discursos de protesto contra o assassinato.

Para a rua de Alcântara partiram então dois pelotões de cavalaria e infantaria da G. N. R., seguindo também para ali o piquete de civis da esquadra da Alegria, com o chefe Duarte.

Computa-se em 2000 pessoas as que formavam o préstito quando ele se dispunha a entrar na calçada referida.

Não podia ser semelhante irreverência. Tamanho conjunto, como protesto ordeiro era um insulto à força pública, um desrespeito à autoridade... Não foi agora a polícia, quem vestiu o negro manto assassino. Reservou-se essa missão à guarda republicana que não consentia aquela manifestação. Em voz atteradora aquela multidão foi convidada a dispersar. A estúpida intimidação não foi bem aceite. Pois foi o bastante para a G. N. R. cair desalmadamente sobre os inofensivos manifestantes numa verdadeira fúria canibalesca, dissolvendo o cortejo.

A balbúrdia foi enorme, o pavor foi indescritível. Toda aquela pobre gente fugia aterrada em todas as direcções. Entretanto os menos ágeis eram agredidos à cutelada. Uma cega que esmola por aquele bairro não escapou à fúria. A guarda republicana vingou-se nela. A pobre velha foi também espadelada sem piedade.

A carreta despresada em plena rua velavam na apenas os dois irmãos da vítima. A custo e perante o pavor que é de calcular o cortejo voltou a formar-se e dirigiu-se para a igreja de São Pedro. A guarda republicana dividiu patrulhas pelas ruas da Creche, Escola-Oficina, Alcantara e Calçada da Tapada.

Já dentro da igreja a força não consentia a entrada de povo, sem respeito pelo templo por eles tão defendido. Ah! se fossem os operários! Sem a ordem que tinha conservado até à calçada da Ajuda o cortejo chegou ali à Ajuda às 17 horas.

A própria imprensa afecta à polícia foi forçada a noticiar que o cortejo era ordeiro, o que de facto sucedeu. Todavia a força pública não o compreendeu assim, e além do atentado de que foram alvo aquelas pessoas, arremessou para os calabouços do Governo Civil José Pereira Cardoas, Armando Peres, Américo Pais, Joaquim, António da Costa Cabral e José Maria dos Anjos. Este último preso é proprietário de um estabelecimento na rua Fradesso da Silveira, que é acusado por desobediência à polícia. Tinha recebido intimação para encerrar o estabelecimento, como atraz dizem. Como os seus colegas não cumpriram a ordem, ele julgou-se desobrigado de o fazer.

O Cabral, além de preso foi agredido à facada na própria esquadra do Calvário por um polícia. Depois deste feito «heróico», o agressor ainda lhe disse: «agora vai queixar-te à Batalha».

Cremos que deve estar saciada a sede de sangue da polícia e da guarda republicana, com o miserável acto praticado no domingo. Não encontramos vocábulos para classificar esta monstruosidade. O relato que aí fica é bem expressivo e duma eloquência bem esmagadora.

Os irmãos da vítima perseguidos pelo criminoso

Desde o bárbaro crime do beco da Galheta os irmãos da vítima vem sistematicamente sendo perseguidos pelo assassino. Sabemos que este foi passado para outra esquadra, a 22.ª para encobrir o seu crime. Ontem um dos irmãos de Manuel de Bri-

PELAS CADEIAS

Contra a vida humana

Um calabouço digno da Santa Inquisição

Bastava nos termos referidos as péssimas condições de higiene das prisões e ao mau tratamento que os presos ali sofrem. Surge agora um caso que mais nos faz revoltar contra o excrível desprazo com que as autoridades tratam os que lhes estão nas garras.

Indivíduos que abandonaram a profissão de pedreiro, para entrar na polícia, estão levantando um edifício na rua de Alcântara para onde deve ser transferida a "esquadra policial" que mesma rua existe.

O motivo porque só trabalham polícias nessa obra, é digno da imaginação dum investigador. Essa esquadra terá um calabouço subterrâneo, mesmo sob a via dos eléctricos.

Não bastavam já os calabouços do governo civil, o Limoeiro, o forte de Monsanto, onde se arruina a saúde e se arranca a vida aos presos, para satisfazer a cruza de sentimentos desses cavalheiros.

Mais uma sepultura se está construindo agora, em piores condições que as outras, pois além de não poder ser convenientemente iluminada, o que a tornará insalubre, os presos que nesse calabouço entrarem terão continuamente de suportar o ruído de carros eléctricos, carroças, camionas, etc., que consecutivamente passam nessa rua. Isto é, nem poderão ter um momento de sono.

Isto dá-se no momento em que vimos pondo ante os olhos do público os horrores da vida nas cadeias, em que "O Diário de Lisboa" acaba de fazer uma eloquente reportagem sobre a cadeia de Monsanto.

Não acha a polícia que o governo civil chega já para arrancar a vida e a saúde aos que a lei persegue?

Um preso, gravemente enfermo, à mercê do preconceito burocrático

Raúl Vieira, preso na cadeia de Monsanto, encontra-se há dois meses na enfermaria dessa prisão, gravemente atacado pela sífilis, sem que lhe seja feito o tratamento devido.

Passa de uma semana que o dr. sr. Lelo Portela propoz à direcção das cadeias o internamento imediato desse preso num hospital, sem que até agora tenha sido dado despacho a essa proposta que requer resolução urgente.

A mãe do preso, Cândida Vieira, por várias vezes tem procurado o dr. sr. Pestana Júnior, não tendo conseguido ainda falar-lhe.

Porque se não dá o devido destino a esse preso, cuja saúde corre grave risco?

Voltaram ao Limoeiro 17 presos que tinham ido para Monsanto

Foram reconduzidos para o grupo B do Limoeiro, os seguintes presos por delitos sociais, que haviam sido transferidos para Monsanto:

José Lopes, Marques da Costa, Jaime da Fonseca, Alberto Silva, Raúl Honório, Amadeu da Graça Soares e Sousa, Jaurés A. Viegas, Dédalo Leitão, João Marques, João de Oliveira, António Gomes, Pedro Leitão Júnior, Domingos Pereira, José Marques Teixeira, Fernando Carvalhais, José de Brito Pereira e António A. dos Santos.

Correio dos presos. — José Soares. — Presos Limoeiro necessitam falar-te com urgência.

VIVETTE

O público continua prestando inteira justiça a esta magnífica peça, em scena no Nacional, o interessantíssimo original de Jacques Deval. E assim é que se contam as ricas pelas enchentes, decorrendo os espectáculos, entre o maior entusiasmo.

Chegou ao Tejo um carregamento de trigo

Procedente de Rosário, entrou ontem no Tejo o vapor inglês *Trident* com carregamento completo de trigo para Lisboa.

SOLIDARIEDADE

A favor de Carlos Saldanha

Reúnem hoje os componentes da comissão promotora do benefício em auxílio de Carlos Saldanha, às 18 horas, na rua da Sol à Graça, 63, r/c, a fim de se proceder à liquidação com o beneficiado.

Atropelamento mortal

No caminho do Forno do Tijolo o automóvel F 7289, guiado pela médica D. Helena Calado, Praia da Vitória, atropelou um soldado que prestava serviço na Escola de Guerra, o qual teve morte instantânea. Deu entrada na Morgue.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — às 21 h. (9 da noite) — HOJE

2.ª apresentação da extraordinária artista

Miss Mongador

que executará um emocionante salto de grande altura para a pista e que, na sua estreia, obtivera o maior e mais justificado sucesso

Ilustres e interessantíssimas poses plásticas, copias de quadros célebres expostos no Museu de Paris, pelos notáveis artistas

3 KEMMYS 3

Originals e engraçados intermédios cómicos pelos apurados e populares "clowns"

Rico & Alex e Irmãos Albano

ESPECTÁCULO SEMPRE VARIADO

Quinta-feira — GRANDIOSA "MATINEE"

CAFÉ DO COLISEU

Almoços, lanches e ceias por preços convidativos

Concertos por célebres artistas

do Instituto Branco Rodrigues, de tarde e à noite

to estava no pátio do Governo Civil. O miserável, ao vê-lo, insinuou ao cabo da guarda, que por sua vez o expulsou dali. Como insistisse foi espedaçado pela sentinela.

Em Alcântara corre com insistência o boato de que a polícia afirma que se alguns dos irmãos do morto cair na esquadra terá a sorte da vítima do bico da Galheta.

Que nos aguardará ainda desta assassina?

O pessoal dos Correios e Telégrafos

protesta contra a concessão do monopólio da radio-telegrafia à casa Marconi

A concessão do monopólio da radiotelegrafia à casa Marconi indignou o pessoal dos Correios e Telégrafos, que dum maneira energética vem protestando e apelando para o auxílio da imprensa.

Realmente não nos parece aceitável que depois de tanto se ter pregado contra os monopólios, se permita a formação de mais um e dos mais importantes — o das comunicações.

Do pessoal telegrafo-postal de Lisboa recebemos ontem o seguinte telegrama:

"O pessoal telegrafo-postal protesta contra o monopólio da radio-telegrafia concedido à casa Marconi em prejuízo do Estado, representado pela administração geral dos Correios e Telégrafos. Esta administração já tem estações montadas há anos no continente e ilhas que não se aperfeiçoam por terem que ser entregues à casa Marconi, de harmonia com o contrato que lhe concede o monopólio.

"A administração dos Correios e Telégrafos tem engenheiros especializados na Escola Superior dos Correios e Telégrafos de Paris, além dos que são diplomados pelos Institutos Superior Técnico e Industrial de Lisboa. Ninguém como ela pode continuar a explorar a radio-telegrafia.

"A entrega do monopólio à Marconi representa um prejuízo considerável para o Estado, além de ficar dependente dum companhia para as suas comunicações com as ilhas, colónias e estrangeiro.

"O pessoal telegrafo-postal pede o auxílio da imprensa, contra a negociação que representa o referido contrato. A companhia é estrangeira, ao contrário do que afirma o seu representante em Lisboa. O contrato foi feito com Marconi Wireless Telegraph Company, Ltd., com sede em Londres, Strand House, e no artigo 3.º do contrato diz-se que dos sete membros do conselho de administração cinco, pelo menos, serão portugueses."

De Aveiro, do pessoal telegrafo-postal daquela cidade, recebemos também o seguinte telegrama que gostosamente publicamos:

"AVEIRO, 16.—T.—O pessoal dos Correios e Telégrafos do distrito de Aveiro protesta contra o monopólio da radio-telegrafia concedido a particulares, que traz a ruína dos serviços dos Correios e Telégrafos, e pede a defesa dos interesses do Estado."

Vê-se por estes eloquentes telegramas que o pessoal telegrafo-postal está disposto a não sancionar a negociação que se fez em detrimento dos interesses do país.

Uma exploração torpe

Enrique Rosa Ferreira é uma pobre mulher, sem meios para se sustentar, tendo a seu cargo um filho de um indivíduo que a expulsou de casa na terça-feira, não lhe prestando auxílio algum.

A pesar da sua angustiosa situação, uma criatura de nome Maria Augusta, não tem escrúpulos de lhe exigir 6000 diários por um quarto que lhe cedeu em sua casa, na Rua do Arco Marquês do Alegrete, 89.

Apenas lhe tem valido neste difícil transe um jovem-sindicalista, chamado Manuel Tavares da Silva, que há alguns dias a vem sustentando.

Não tardarão a ser concedidas uma medalha de filantropia, mérito e generosidade à Maria Augusta, e um calabouço no governo civil ao Manuel Tavares da Silva.

Rendimentos dos operários

No Banco do hospital de S. José, recebeu curativo e seguiu para casa, Custódio Rodrigues, de 36 anos, natural de S. Pedro do Sul, descarregador, residente no páteo José Mario Régio, 15 (a Chelas), que foi colhido por um caixote na Exploração do Porto de Lisboa, ficando contuso na região lombar.

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e recolheu a casa, João Pinto Branco, de 45 anos, natural de Santarém, carroceiro, morador na estrada de Monsanto, que, na rua do Alívio, caiu da carroça de que era condutor, ficando ferido na cabeça.

Na sala de observações do hospital de S. José, deu entrada Henrique Cabo, de 40 anos, natural de Porto Mauro (Itália), tripulante do vapor italiano "L'Oriente", fundado no entreposto de Santos, e que a bordo do mesmo barco foi colhido por uma lingada de fardos de algodão, ficando muito contuso nas costas.

Uma sindicância que é um "bluff"

Origem dos T. M. E. — Onde pára o contrato com a "Furness"? — A negociação com o afretamento dos navios ex-alemães

Sr. redactor — Na minha carta anterior, lhe exposta a célebre negociação do afretamento dos navios ex-alemães, tal e qual ela aparece, e sem que os sindicatos à razão de 60 escudos diários cada, nos venham dizer como é que tal contrato se efectuou. Mas nós queremos evitar que o grande Afonso se incomode a deixar Paris, aonde está à custa do Ultramarino, o qual, para granjear receitas para pagar a tão importante empregado leva 60% de prémio nas transacções de Moçambique para Lisboa.

Por isso vamos dizer, visto que os sindicatos andam à procura das vacas que os capitães venderam, porque eram deles, que nunca ninguém viu o tal contrato.

Nos T. M. E. não se sabia como se receberiam os vapores afretados aos ingleses, porque nunca lhe forneceram cópia do contrato com a "Furness".

Afonso Augusto da Costa entregou os navios ex-alemães aos ingleses, e não deixou o contrato, se o houve, em qualquer ministério em Portugal.

E, assim, percebe-se claramente que, no final de tudo isto, se os ingleses pagarem libras 0,14 por tonelada e por mês, foi porque quiseram, pois o governo português não conhecia nem conhecia contrato firmado. Sem um tal documento tal indispensável, como é que foi possível saber-se quanto o governo português tinha a receber ou receber? Sem o contrato, como foi possível saber-se dos navios afretados, e como foram pagos?

Sem o contrato, como é que o governo português recebeu os navios quando o governo inglês não precisou mais deles?

A resposta a qualquer destas perguntas é, sem dúvida, muito mais importante do que saber as dúzias de chouriços requisitados por um pobre empregado, que foi logo despedido, tal era a insuficiência da acusação. Que triste ideia se tem que fazer dos tais sindicatos!

E como é que foi arbitrada a tonelagem que serviu de base ao pagamento, se nunca se consultou o contrato?

E indispensável esclarecer este facto, senhores sindicantes, que é gravíssimo para a vossa própria honrabilidade, se se limitarem a fazer só o que têm feito.

Os navios afundados foram pagos à razão de quanto por tonelada, e o número de toneladas de cada navio como foi arbitrado? Recebeu o Estado português o justo valor dos navios que os alemães afundaram, não só porque o preço por tonelada era o mais justo, mas também porque a avaliação da sua tonelagem era a verdadeira?

Não seria fácil averiguar que o preço da tonelagem em 1916 era insignificante, comparado com o altíssimo preço que atingiu depois dessa data? Quem arbitrou o preço da tonelagem dos navios afundados, e em que base? Respondam senhores sindicantes, e não acreditem no que diz o jornal *Capital*: o grande estadista não volta cá. *Sindicalismo* quem deve ser, ainda mesmo que ele os mande para a relação de Timor. — Pela publicação de mais esta carta, sou de v. etc. — H. F. Rosado.

MOLA REAL

Esta brilhante revista está constituindo um autêntico sucesso no Apolo, não só pela interpretação dada por todos os artistas como também por estar circundada de cenários e apoteoses de belíssimo efeito.

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de adquirir

Trata-se do romance histórico por Eugénio Sue "Os Mistérios do Povo" que revela a história dum família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JÁ SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, \$500

TEATRO APOLO

2 sessões todas as noites

com a sensacional revista

MOLA REAL

Êxito inigualado

TEATRO SÃO CARLOS

HOJE

NINHO DE AGUIAS

ÚLTIMAS RÉCITAS

Sábado, 21

1.ª representação do

SINAL DE ALARME

No 2.º acto pitoresco "Jazz-band"

Scenários novos de Luz e Almeida, sob "maquetes" de ERICO BRAGA

TEATRO NACIONAL

Hoje, repete-se a interessante peça em 3 actos de Jacques Deval, tradução de Vasco Borges

VIVETTE

encenada pelo brilhante actor

RAFAEL MARQUES

Os cenários, devido aos pincéis de MAGALHÃES, CAMPOS, OLIVEIRA e BALTAZAR RODRIGUES, são de um artístico efeito

Os livros e os autores

JOÃO FRANCO E O SEU TEMPO — Comentários às cartas de El-rei D. Carlos — por Rocha Martins

Rocha Martins está sendo em Portugal o mais infatigável dos escritores, lançando, constantemente, a público as mais variadas produções literárias. Dividindo, diariamente, a sua atenção por a revista e panfleto que dirige, com brilho e rara independência, ele consegue, ainda, aproveitar o tempo com um método prodigioso, e raro é o mês que uma grande ou pequena obra sua não vem a público.

E' formidável, num país tão pequeno, o labor deste homem. E se não fossem muitas outras as suas belas qualidades de publicista, onde avulta a sua altivez plebeia mas elegante, bastava o seu exemplo de trabalho e tenacidade para o impor como figura respeitável.

E que soma de materiais, dos mais preciosos, não tem esse escritor vigoroso lançado para aquele campo onde a história lança as suas raízes?

Bastava esse aspecto utilíssimo da sua orientação literária para ele ser merecedor da simpatia e gratidão dos portugueses.

A obra que Rocha Martins vem de lançar a público, e que acabamos de ler, com o maior interesse, é o livro intitulado "João Franco e o seu tempo, comentários às cartas de El-rei D. Carlos".

E' um livro de grande e grosso formato, mais de quinhentas páginas, compacta composição, recheado de preciosas notas, muitas centenas de fotografias, e o mais completo inventário dos acontecimentos políticos que antecederam a implantação da República. Abrange o livro a época que vem desde Fevereiro de 1906, em que a dinastia dos Braganças começa a ser sacudida, fustigada, com a discussão dos tabacos, até às horas trágicas de Fevereiro de 1908, em que D. Manuel presta o seu juramento de rei, após o duplo regicídio que lhe havia derrubado o pai e o irmão.

O livro de Rocha Martins, admirável de pormenores, e o mais completo de todos quanto ao gênero se tem publicado, é a mais viva e flagrante reportagem desses dois anos de lutas políticas, talvez o período mais importante da história política do constitucionalismo, porque nesse espaço de tempo é que a propaganda e conspiração republicana toma vulto e se decide o destino dos Braganças.

Entendo que, verdadeiramente, a monarquia também, mortalmente ferida, com a morte de D. Carlos e o exílio de João Franco. De modo que esse período, de 1906 a 1908, com a renovação franquista e a trágica decisão do rei, dá os incidentes do agonizar desesperado da monarquia. O reinado de D. Manuel II, já não é monarquia, mas decomposição...

Pois é este curioso e interessante período, que Rocha Martins nos dá no seu livro, revelando as misteriosas intrigas dos bastidores do Paço e da política; trazendo, melhor iluminados, para a ribalta da scena política, os perfis históricos de Hintze, José Luciano, João Franco e Alpoim.

Toda a miserável cabala urdida nos saguões e vielas da política, e que na sombra era manejada pela manha de Luciano de Castro e pela ambição de Alpoim, tem um comentário implacável em Rocha Martins — e não só comentário, como literato de pulso e emoção, mormente naquelas páginas soberbas que dão a trágica íntima do Paço das Necessidades, quando João Franco, já dispensado pelo novo rei, passa sombrio como um espectro a caminho do exílio; e Maria Pia, nos pruriosos de loucura, olha assombrada, galvanizada de assombro e dor, os cadáveres do filho e do neto assassinados pela política dementada e de quasi todos.

Rocha Martins fez mais um grande e notável livro. Não se esqueça, ao fazê-lo, de que era monarquista, e daí algumas paixões. Eu, para analisar a sua obra, é que não tenho de cuidar de saber se ele é monarquista ou não, mas apenas de verificar o seu valor.

Fez um notável livro, repito; e negar o seu mérito, por ele ser monarquista, seria uma torpe injustiça que eu não sei cometer. De mais, sei-o bem, Rocha Martins, embora monarquista, é um homem liberal e nutre simpatia pelo povo.

A DITADURA FEMINISTA — Novela por Silvestre Valente

A Ditadura Feminista é, como se intitula, uma graciosa novela humorística, o n.º 12 da *Novela Contemporânea*, da autoria de Silvestre Valente, evidentemente um pseudónimo que oculta o nome verdadeiro de qualquer dos meus camaradas de imprensa, cujo estilo me não passou desaperecebido.

O título dá a ideia perfeita do assunto versado. Trata-se dum *charge* ao movimento feminista português, no qual o autor faz uma troca inofensiva e delicada, referindo, veladamente, alguns dos tipos e nomes do feminismo.

E' irónica, leve, bem traçada, embora algumas feministas não gostassem da brincadeira literária.

A VOZ DE UM REVOLTADO — Comentários por Manuel Pedro

Eis um pequeno folheto, despretensiosamente escrito, onde passa a magna alviva, a raiva sagrada dum grande coração.

Quem é Manuel Pedro? Eu não o conheço. Mas a sua linguagem modesta, vibrante, sentida, coloca do seu lado toda a minha simpatia.

Ele começa por dar belos conselhos aos seus filhos, ensinando-lhes o caminho do Bem, ao lado dos humildes e em franca rebeldia com os poderosos. Depois fala da miséria do povo; caustica a caridade vaidosa; protesta contra a igreja e o exército; revolta-se contra os privilégios criminosos das castas; e, por fim, vota o seu apaixonado livro à sociedade futura. E' absolutamente simpática, útil, estimável, a sua pequena obra. E a sinceridade com que está traçada dá-lhe maior valor. E' bem um eco desesperado da alma triste do povo.

E ai dos que não acreditam na toada profética do povo!

JOÃO FRANCO E O SEU TEMPO

As. S. M. Barbeiros, Amadores e Cabelleiros. — Reúne hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral.

Ass. S. U. da Oficina de Carpinteiros de Branco do Arsenal de Marinha. — Reúne hoje, pelas 17 horas, em assembleia geral, para apreciação do relatório de contas e parecer do conselho fiscal.

Sociedade C. de C. e P. dos Frangateiros do Porto de Lisboa. — Reúne hoje, pelas 19 horas, a assembleia geral, para apreciar o relatório de contas de 1924.

NO REGIME DA CRÁPULA E DA RAPINA

Uma sindicância que é um "bluff"

Origem dos T. M. E. — Onde pára o contrato com a "Furness"? — A negociação com o afretamento dos navios ex-alemães

Sr. redactor — Na minha carta anterior, lhe exposta a célebre negociação do afretamento dos navios ex-alemães, tal e qual ela aparece, e sem que os sindicatos à razão de 60 escudos diários cada, nos venham dizer como é que tal contrato se efectuou. Mas nós queremos evitar que o grande Afonso se incomode a deixar Paris, aonde está à custa do Ultramarino, o qual, para granjear receitas para pagar a tão importante empregado leva 60% de prémio nas transacções de Moçambique para Lisboa.

Por isso vamos dizer, visto que os sindicatos andam à procura das vacas que os capitães venderam, porque eram deles, que nunca ninguém viu o tal contrato.

Nos T. M. E. não se sabia como se receberiam os vapores afretados aos ingleses, porque nunca lhe forneceram cópia do contrato com a "Furness".

Afonso Augusto da Costa entregou os navios ex-alemães aos ingleses, e não deixou o contrato, se o houve, em qualquer ministério em Portugal.

E, assim, percebe-se claramente que, no final de tudo isto, se os ingleses pagarem libras 0,14 por tonelada e por mês, foi porque quiseram, pois o governo português não conhecia nem conhecia contrato firmado. Sem um tal documento tal indispensável, como é que foi possível saber-se quanto o governo português tinha a receber ou receber? Sem o contrato, como foi possível saber-se dos navios afretados, e como foram pagos?

Sem o contrato, como é que o governo português recebeu os navios quando o governo inglês não precisou mais deles?

A resposta a qualquer destas perguntas é, sem dúvida, muito mais importante do que saber as dúzias de chouriços requisitados por um pobre empregado, que foi logo despedido, tal era a insuficiência da acusação. Que triste ideia se tem que fazer dos tais sindicatos!

E como é que foi arbitrada a tonelagem que serviu de base ao pagamento, se nunca se consultou o contrato?

E indispensável esclarecer este facto, senhores sindicantes, que é gravíssimo para a vossa própria honrabilidade, se se limitarem a fazer só o que têm feito.

Os navios afundados foram pagos à razão de quanto por tonelada, e o número de toneladas de cada navio como foi arbitrado? Recebeu o Estado português o justo valor dos navios que os alemães afundaram, não só porque o preço por tonelada era o mais justo, mas também porque a avaliação da sua tonelagem era a verdadeira?

Não seria fácil averiguar que o preço da tonelagem em 1916 era insignificante, comparado com o altíssimo preço que atingiu depois dessa data? Quem arbitrou o preço da tonelagem dos navios afundados, e em que base? Respondam senhores sindicantes, e não acreditem no que diz o jornal *Capital*: o grande estadista não volta cá. *Sindicalismo* quem deve ser, ainda mesmo que ele os mande para a relação de Timor. — Pela publicação de mais esta carta, sou de v. etc. — H. F. Rosado.

MOLA REAL

Esta brilhante revista está constituindo um autêntico sucesso no Apolo, não só pela interpretação dada por todos os artistas como também por estar circundada de cenários e apoteoses de belíssimo efeito.

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de adquirir

Trata-se do romance histórico por Eugénio Sue "Os Mistérios do Povo" que revela a história dum família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO

JÁ SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS

CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, \$500

TEATRO APOLO

2 sessões todas as noites

com a sensacional revista

MOLA REAL

Êxito inigualado

TEATRO SÃO CARLOS

HOJE

NINHO DE AGUIAS

ÚLTIMAS RÉCITAS

Sábado, 21

1.ª representação do

SINAL DE ALARME

No 2.º acto pitoresco "Jazz-band"

Scenários novos de Luz e Almeida, sob "maquetes" de ERICO BRAGA

TEATRO NACIONAL

Hoje, repete-se a interessante peça em 3 actos de Jacques Deval, tradução de Vasco Borges

VIVETTE

encenada pelo brilhante actor

RAFAEL MARQUES

Os cenários, devido aos pincéis de MAGALHÃES, CAMPOS, OLIVEIRA e BALTAZAR RODRIGUES, são de um artístico efeito

Os livros e os autores

JOÃO FRANCO E O SEU TEMPO — Comentários às cartas de El-rei D. Carlos — por Rocha Martins

Rocha Martins está sendo em Portugal o mais infatigável dos escritores, lançando, constantemente, a público as mais variadas produções literárias. Dividindo, diariamente, a sua atenção por a revista e panfleto que dirige, com brilho e rara independência, ele consegue, ainda, aproveitar o tempo com um método prodigioso, e raro é o mês que uma grande ou pequena obra sua não vem a público.

E' formidável, num país tão pequeno, o labor deste homem. E se não fossem muitas outras as suas belas qualidades de publicista, onde avulta a sua altivez plebeia mas elegante, bastava o seu exemplo de trabalho e tenacidade para o impor como figura respeitável.

E que soma de materiais, dos mais preciosos, não tem esse escritor vigoroso lançado para aquele campo onde a história lança as suas raízes?

Bastava esse aspecto utilíssimo da sua orientação literária para ele ser merecedor da simpatia e gratidão dos portugueses.

A obra que Rocha Martins vem de lançar a público, e que acabamos de ler, com o maior interesse, é o livro intitulado "João Franco e o seu tempo, comentários às cartas de El-rei D. Carlos".

E' um livro de grande e grosso formato, mais de quinhentas páginas, compacta composição, recheado de preciosas notas, muitas centenas de fotografias, e o mais completo inventário dos acontecimentos políticos que antecederam a implantação da República. Abrange o livro a época que vem desde Fevereiro de 1906, em que a dinastia dos Braganças começa a ser sacudida, fustigada, com a discussão dos tabacos, até às horas trágicas de Fevereiro de 1908, em que D. Manuel presta o seu juramento de rei, após o duplo regicídio que lhe havia derrubado o pai e o irmão.

O livro de Rocha Martins, admirável de pormenores, e o mais completo de todos quanto ao gênero se tem publicado, é a mais viva e flagrante reportagem desses dois anos de lutas políticas, talvez o período mais importante da história política do constitucionalismo, porque nesse espaço de tempo é que a propaganda e conspiração republicana toma vulto e se decide o destino dos Braganças.

Entendo que, verdadeiramente, a monarquia também, mortalmente ferida, com a morte de D. Carlos e o exílio de João Franco. De modo que esse período, de 1906 a 1908, com a renovação franquista e a trágica decisão do rei, dá os incidentes do agonizar desesperado da monarquia. O reinado de D. Manuel II, já não é monarquia, mas decomposição...

Pois é este curioso e interessante período, que Rocha Martins nos dá no seu livro, revelando as misteriosas intrigas dos bastidores do Paço e da política; trazendo, melhor iluminados, para a ribalta da scena política, os perfis históricos de Hintze, José Luciano, João Franco e Alpoim.

Toda a miserável cabala urdida nos saguões e vielas da política, e que na sombra era manejada pela manha de Luciano de Castro e pela ambição de Alpoim, tem um comentário implacável em Rocha Martins — e não só comentário, como literato de pulso e emoção, mormente naquelas páginas soberbas que dão a trágica íntima do Paço das Necessidades, quando João Franco, já dispensado pelo novo rei, passa sombrio como um espectro a caminho do exílio; e Maria Pia, nos pruriosos de loucura, olha assombrada, galvanizada de assombro e dor, os cadáveres do filho e do neto assassinados pela política dementada e de quasi todos.

Rocha Martins fez mais um grande e notável livro. Não se esqueça, ao fazê-lo, de que era monarquista, e daí algumas paixões. Eu, para analisar a sua obra, é que não tenho de cuidar de saber se ele é monarquista ou não, mas apenas de verificar o seu valor.

Fez um notável livro, repito; e negar o seu mérito, por ele ser monarquista, seria uma torpe injustiça que eu não sei cometer. De mais, sei-o bem, Rocha Martins, embora monarquista, é um homem liberal e nutre simpatia pelo povo.

A DITADURA FEMINISTA — Novela por Silvestre Valente

A Ditadura Feminista é, como se intitula, uma graciosa novela humorística, o n.º 12 da *Novela Contemporânea*, da autoria de Silvestre Valente, evidentemente um pseudónimo que oculta o nome verdadeiro de qualquer dos meus camaradas de imprensa, cujo estilo me não passou desaperecebido.

O título dá a ideia perfeita do assunto versado. Trata-se dum *charge* ao movimento feminista português, no qual o autor faz uma troca inofensiva e delicada, referindo, veladamente, alguns dos tipos e nomes do feminismo.

E' irónica, leve, bem traçada, embora algumas feministas não gostassem da brincadeira literária.

A VOZ DE UM REVOLTADO — Comentários por Manuel Pedro

Eis um pequeno folheto, despretensiosamente escrito, onde passa a magna alviva, a raiva sagrada dum grande coração.

Quem é Manuel Pedro? Eu não o conheço. Mas a sua linguagem modesta, vibrante, sentida, coloca do seu lado toda a minha simpatia.

Ele começa por dar belos conselhos aos seus filhos, ensinando-lhes o caminho do Bem, ao lado dos humildes e em franca rebeldia com os poderosos. Depois fala da miséria do povo; caustica a caridade vaidosa; protesta contra a igreja e o exército; revolta-se contra os privilégios criminosos das castas; e, por fim, vota o seu apaixonado livro à sociedade futura. E' absolutamente simpática, útil, estimável, a sua pequena obra. E a sinceridade com que está traçada dá-lhe maior valor. E' bem um eco desesperado da alma triste do povo.

E ai dos que não acreditam na toada profética do povo!

Os livros e os autores

JOÃO FRANCO E O SEU TEMPO — Comentários às cartas de El-rei D. Carlos — por Rocha Martins

Rocha Martins está sendo em Portugal o mais infatigável dos escritores, lançando, constantemente, a público as mais variadas produções literárias. Dividindo, diariamente, a sua atenção por a revista e panfleto que dirige, com brilho e rara independência, ele consegue, ainda, aproveitar o tempo com um método prodigioso, e raro é o mês que uma grande ou pequena obra sua não vem a público.

E' formidável, num país tão pequeno, o labor deste homem. E se não fossem muitas outras as suas belas qualidades de publicista, onde avulta a sua altivez plebeia mas elegante, bastava o seu exemplo de trabalho e tenacidade para o impor como figura respeitável.

E que soma de materiais, dos mais preciosos, não tem esse escritor vigoroso lançado para aquele campo onde a história lança as suas raízes?

Bastava esse aspecto utilíssimo da sua orientação literária para ele ser merecedor da simpatia e gratidão dos portugueses.

A obra que Rocha Martins vem de lançar a público, e que acabamos de ler, com o maior interesse, é o livro intitulado "João Franco e o seu tempo, comentários às cartas de El-rei D. Carlos".

E' um livro de grande e grosso formato, mais de quinhentas páginas, compacta composição, recheado de preciosas notas, muitas centenas de fotografias, e o mais completo inventário dos acontecimentos políticos que antecederam a implantação da República. Abrange o livro a época que vem desde Fevereiro de 1906, em que a dinastia dos Braganças começa a ser sacudida, fustigada, com a discussão dos tabacos, até às horas trágicas de Fevereiro de 1908, em que D. Manuel presta o seu juramento de rei, após o duplo regicídio que lhe havia derrubado o pai e o irmão.

O livro de Rocha Martins, admirável de pormenores, e o mais completo de todos quanto ao gênero se tem publicado, é a mais viva e flagrante reportagem desses dois anos de lutas políticas, talvez o período mais importante da história política do constitucionalismo, porque nesse espaço de tempo é que a propaganda e conspiração republicana toma vulto e se decide o destino dos Braganças.

Entendo que, verdadeiramente, a monarquia também, mortalmente ferida, com a morte de D. Carlos e o exílio de João Franco. De modo que esse período, de 1906 a 1908, com a renovação franquista e a trágica decisão do rei, dá os incidentes do agonizar desesperado da monarquia. O reinado de D. Manuel II, já não é monarquia, mas decomposição...

Pois é este curioso e interessante período, que Rocha Martins nos dá no seu livro, revelando as misteriosas intrigas dos bastidores do Paço e da política; trazendo, melhor iluminados, para a ribalta da scena política, os perfis históricos de Hintze, José Luciano, João Franco e Alpoim.

Toda a miserável cabala urdida nos saguões e vielas da política, e que na sombra era manejada pela manha de Luciano de Castro e pela ambição de Alpoim, tem um comentário implacável em Rocha Martins — e não só comentário, como literato de pulso e emoção, mormente naquelas páginas soberbas que dão a trágica íntima do Paço das Necessidades, quando João Franco, já dispensado pelo novo rei, passa sombrio como um espectro a caminho do exílio; e Maria Pia, nos pruriosos de loucura, olha assombrada, galvanizada de assombro e dor, os cadáveres do filho e do neto assassinados pela política dementada e de quasi todos.

Rocha Martins fez mais um grande e notável livro. Não se esqueça, ao fazê-lo, de que era monarquista, e daí algumas paixões. Eu, para analisar a sua obra, é que não tenho de cuidar de saber se ele é monarquista ou não, mas apenas de verificar o seu valor.

Fez um notável livro, repito; e negar o seu mérito, por ele ser monarquista, seria uma torpe injustiça que eu não sei cometer. De mais, sei-o bem, Rocha Martins, embora monarquista, é um homem liberal e nutre simpatia pelo povo.

A DITADURA FEMINISTA — Novela por Silvestre Valente

A Ditadura Feminista é, como se intitula, uma graciosa novela humorística, o n.º 12 da *Novela Contemporânea*, da autoria de Silvestre Valente, evidentemente um pseudónimo que oculta o nome verdadeiro de qualquer dos meus camaradas de imprensa, cujo estilo me não passou desaperecebido.

O título dá a ideia perfeita do assunto versado. Trata-se dum *charge* ao movimento feminista português, no qual o autor faz uma troca inofensiva e delicada, referindo, veladamente, alguns dos tipos e nomes do feminismo.

E' irónica, leve, bem traçada, embora algumas feministas não gostassem da brincadeira literária.

A VOZ DE UM REVOLTADO — Comentários por Manuel Pedro

Eis um pequeno folheto, despretensiosamente escrito, onde passa a magna alviva, a raiva sagrada dum grande coração.

Quem é Manuel Pedro? Eu não o conheço. Mas a sua linguagem modesta, vibrante, sentida, coloca do seu lado toda a minha simpatia.

Ele começa por dar belos conselhos aos seus filhos, ensinando-lhes o caminho do Bem, ao lado dos humildes e em franca rebeldia com os poderosos. Depois fala da miséria do povo; caustica a caridade vaidosa; protesta contra a igreja e o exército; revolta-se contra os privilégios criminosos das castas; e, por fim, vota o seu apaixonado livro à sociedade futura. E' absolutamente simpática, útil, estimável, a sua pequena obra. E a sinceridade com que está traçada dá-lhe maior valor. E' bem um eco desesperado da alma triste do povo.

E ai dos que não acreditam na toada profética do povo!

Os livros e os autores

JOÃO FRANCO E O SEU TEMPO — Comentários às cartas de El-rei D. Carlos — por Rocha Martins

Rocha Martins está sendo em Portugal o mais infatigável dos escritores, lançando, constantemente, a público as mais variadas produções literárias. Dividindo, diariamente, a sua atenção por a revista e panfleto que dirige, com brilho e rara independência, ele consegue, ainda, aproveitar o tempo com um método prodigioso, e raro é o mês que uma grande ou pequena obra sua não vem a público.

E' formidável, num país tão pequeno, o labor deste homem. E se não fossem muitas outras as suas belas qualidades de publicista, onde avulta a sua altivez plebeia mas elegante, bastava o seu exemplo de trabalho e tenacidade para o impor como figura respeitável.

E que soma de materiais, dos mais preciosos, não tem esse escritor vigoroso lançado para aquele campo onde a história lança as suas raízes?

Bastava esse aspecto utilíssimo da sua orientação literária para ele ser merecedor da simpatia e gratidão dos portugueses.

A obra que Rocha Martins vem de lançar a público, e que acabamos de ler, com o maior interesse, é o livro intitulado "João Franco e o seu tempo, comentários às cartas de El-rei D. Carlos".

E' um livro de grande e grosso formato, mais de quinhentas páginas, compacta composição, recheado de preciosas notas, muitas centenas de fotografias, e o mais completo inventário dos acontecimentos políticos que antecederam a implantação da República. Abrange o livro a época que vem desde Fevereiro de 1906, em que a dinastia dos Braganças começa a ser sacudida, fustigada, com a discussão dos tabacos, até às horas trágicas de Fevereiro de 1908, em que D. Manuel presta o seu juramento de rei, após o duplo regicídio que lhe havia derrubado o pai e o irmão.

O livro de Rocha Martins, admirável de pormenores, e o mais completo de todos quanto ao gênero se tem publicado, é a mais viva e flagrante reportagem desses dois anos de lutas políticas, talvez o período mais importante da história política do constitucionalismo, porque nesse espaço de tempo é que a propaganda e conspiração republicana toma vulto e se decide o destino dos Braganças.

Entendo que, verdadeiramente, a monarquia também, mortalmente ferida, com a morte de D. Carlos e o exílio de João Franco. De modo que esse período, de 1906 a 1908, com a renovação franquista e a trágica decisão do rei, dá os incidentes do agonizar desesperado da monarquia. O reinado de D. Manuel II, já não é monarquia, mas decomposição...

Pois é este curioso e interessante período, que Rocha Martins nos dá no seu livro, revelando as misteriosas intrigas dos bastidores do Paço e da política; trazendo, melhor iluminados, para a ribalta da scena

A ACTUALIDADE
NO ESTRANGEIRO

NA INGLATERRA

Os trabalhistas e as eleições municipais

Os resultados definitivos das eleições municipais de Londres foram favoráveis desta vez aos políticos do partido trabalhista.

Foram eleitos: 83 candidatos do partido reformista municipal (facção conservadora); 36 candidatos trabalhistas; e 6 candidatos progressistas (facção liberal).

A composição do precedente conselho do condado de Londres era a seguinte: reformistas municipais, 82; trabalhistas, 17; progressistas, 25.

Os trabalhistas ganharam pois 18 lugares à custa dos liberais, mas os com uns ou com outros, se os municípios não se impuserem, continuarão os seus direitos a ser calçados da mesma forma.

NA AUSTRIA

Escândalos à portuguesa...

Os escândalos político-financeiros abundam na Austria, como na Alemanha.

Depois do caso Castiglioni, temos o grande escândalo de Skarlitz. Este especulador e os seus cúmplices são acusados de terem roubado mais de 300 milhões de coras austríacas em vendas fictícias e operações de identidade natureza. Alguns ministros austríacos, e em particular os ministros Mataia e Schueff, também entraram nestes negócios escuros.

A imprensa social-democrata não diz palavra sobre o assunto, e o jornal A Tarde foi perseguido pelos capitalistas por se ter referido ao caso.

AS GREVES

O conflito de Olhão

Uma tentativa de suborno—Os delegados da Federação Marítima ameaçados pelo comandante da G. N. R.

OLHÃO, 13.—O infame plano dos armadores que temos vindo denunciando nas colunas de A Batalha, tendente a levar aos cárceres da república os dois delegados da Federação Marítima e alguns militantes da organização operária, está agora mais que provado. São os factos que têm vindo atestando a veracidade destas afirmações. Ontem, já depois de termos enviado a nossa correspondência sobre os vários mestres de cêrcos ameaçaram todo o pessoal marítimo de pistola em punho. E na noite, quando vários marítimos saíam da associação e na praça trocavam impressões sobre os acontecimentos, um mantenedor da «ordem» conhecido por o «Latão» prendeu um dos marítimos.

Os infames projectos começaram enfim a pôr-se em prática, e o que é mais para lamentar, é que a autoridade administrativa escolheu talvez que impensadamente a servir os interesses patronais.

Um desses projectos já também appareceu, que felizmente não deu resultado. Consta de em os armadores oferecerem lugares de destaque à direcção marítima, pretendo a péso de dinheiro comprar a sua dignidade e honestidade, o que a mesma soube reprimir com altivez. Agora, para terminar basta que os leitores de A Batalha apreciem as palavras do sargento da guarda nacional republicana, na praça.

«Aqueles dois—apontando para os delegados da Federação Marítima—parádisos que aqui andam é que são os culpados de tudo isto, se eles soubessem o que está para lhes succeder».

Aqui ficam, pois, gravadas estas palavras para que o público as aprecie, tanto mais que se esperam acontecimentos preparados pelo patronato com a saída dum dos cêrcos para Quarteira com o fim de contratar pessoal.

Uma cilada dos armadores que não surtiu efeito

A classe marítima foi provocada dentro da sua própria sede. Um grupo de «desordeiros», venturosos sem escrúpulos a sôdo dos armadores—ameaçadamente, affrontou toda a classe marítima. As suas pretensões visavam a que esta classe consentisse no seu seio, Manuel Viegas Júnior, que não sendo marítimo fora traír a mesma classe.

A provocação fez-se numa ocasião em que os delegados da Federação Marítima e a direcção do sindicato não estavam presentes.

A classe que a custo se comprou na sala de sessões, em face da provocação, precipitou-se. Iam enfim ser satisfeitos os desejos dos armadores.

Mas no momento em que os apunhados dos armadores estavam quasi que a conseguir os seus intentos, um jovem marítimo subiu a um banco e serenamente na sua linguagem simples fez ver que aqueles indivíduos haviam sido enviados pelos armadores para que se travasse a luta para que a porta da sede no dia seguinte fosse encerrada. Em face disto só um caminho havia a seguir para evitar a tragédia: abandonar a sede e deixar entrar os desordeiros. Esta atitude salvou a situação. Os bandoleiros em vista disso, vendo que nada conseguiram, retiraram-se ameaçando vários marítimos que contribuíram para serenar os ânimos.—C.

Aos coleccionadores de o Suplemento "A Batalha"

Previnem-se os coleccionadores de o suplemento semanal de A Batalha que se está preparando umas capas artísticas e um índice que venha melhorar consideravelmente esta preciosa edição.

Aqueles que desejem adquirir as referidas capas e índice, devem desde já fazer as suas requisições, a fim de se poder regular a tiragem.

Brevemente haverá também colecções do 1.º ano para a venda, formando um volume de cerca de 400 páginas, optativamente encadernado em percalina, com um índice de todas as matérias contidas, para fácil consulta das centenas de fórmulas e receitas, e de variadíssima colaboração com centenas de gravuras.

Contra o movimento das "forças vivas"

Os manipuladores de pão de Santarém contra a ditadura patronal

SANTARÉM, 13.—Na sua sede reuniram há dias os Manipuladores de Pão a fim de se ocuparem da acção nefasta dos «cirineus» citadinos, tendo aprovado, após larga crítica por parte dalguns camaradas, a seguinte moção de protesto:

1.º. Os operários Manipuladores de Pão de Santarém, resolvem proclamar alto e claro o seu desprêzo absoluto pelos quadros da União dos Interesses Económicos;

2.º. Quando surgir a hora da luta, empregar contra esses saltadores todas as armas, ainda as mais violentas.

3.º. Dar o seu incondicional apoio à C. G. T., para qualquer movimento que este organismo leve à prática, atinente a fazer encolher as garras a todos os bandoleiros do comércio, da finança e da indústria.

4.º. Promover uma constante agitação de maneira que todo o proletariado esteja vigilante para a luta a travar com os corvos da U. I. E.

Esta moção foi aprovada por unanimidade. Entre vivo entusiasmo o presidente, Gaspar, faz uma breve preleção exortando todos os camaradas a cumprirem integralmente os seus deveres, a fim de obrigarem o patronato a respeitar os seus direitos, impondo assim o prestígio colectivo, razão basilar da existência do sindicato. Apela também para os camaradas desempregados comunicarem à direcção a sua situação para esta se interessar pela colocação dos sem trabalho.

No final foi aberta uma quete a favor do camarada sindicado Domingos Bernardino, que rendeu 65000 e iniciou-se uma subscrição para compra do mobiliário que ficou já em 21550. A sessão foi encerrada no meio duma indescrevível animação saltando-se vivas à C. G. T., A Batalha, e à revolução social.—C.

Uma sessão de protesto em Souzel

SOUZEL, 12.—Realizou-se nesta localidade uma sessão de protesto contra as «forças vivas».

Presidiu António Costa Junior, que num breve discurso expôs os fins da reunião. Joaquim Parrula combate a pretensão dos «cirineus» desta vila, aconselhando os presentes a confiarem apenas na acção sindical.

António Jacinto, dos rurais do Cano, escalpelou os maneios da U. I. E. que aqui tem procurado ambiente para a satisfação dos seus desejos.

Joaquim Ramalho, também dos rurais do Cano, reforça as palavras do orador antecedente e alude as falcatruas dos comerciantes.

Augusto Caldeirinha diz que movimentando-se os homens do balcão aos roubos só lhe resta a defesa que deve ser combinada e bem conduzida.

Depois foi aprovada uma moção que concluiu:

1.º. Protestar contra a ditadura das «forças vivas»;

2.º. Dar todo o apoio a qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito;

3.º. Afirmar os seus protestos para que a U. I. E. conheça o sentir dos trabalhadores de Souzel.—E.

INTERESSES DE CLASSE

Operários Municipais

Deve criar-se a Federação Nacional

Num artigo inserto em A Batalha, Alfredo Pereira Vaz incita todos os operários ao serviço das Câmaras Municipais a unirem-se dentro do baluarte sindical: o Sindicato Unico dos Operários Municipais. De facto assim é. O organismo em referência pode atenuar as graves consequências da falta de organização sindical, deficiências não só verificadas em Lisboa, mas em todo o país.

A luta entre explorados e exploradores não encontra eco nesta classe, porque a organização referida não comporta capacidade revolucionária para enfrentar o problema. Daí a necessidade dos operários deste ramo de serviço secundarem o gesto dos seus camaradas de Lisboa, formando um organismo idêntico, especialmente os de Setúbal, Porto e Coimbra.

Uma vez esta ideia materializada, uma outra obra se impõe como complemento da primeira: a criação da Federação dos Operários Municipais Portugueses.

Contra a pretensão das «forças do ôlho vivo», para que escalarem o poder lançam mão de todos os meios, só uma poderosa organização responderá com vantagem. E essa organização só comportará capacidade de necessária se possuir todas as células como apontamos atrás.

Este simples apelo tem a vantagem de evitar o facto incongruente, como o verificado há dias em Lisboa, onde uma pseudo associação traíu uma reclamação apresentada pelo S. Unico de Lisboa, sem consideração pela unidade da classe que neste momento se impõe.

CARLOS COSTA
Operário municipal

EM SANTAREM

Em defesa do descanso semanal e do horário de trabalho

SANTAREM, 13.—A direcção da Associação dos Empregados no Comércio tem-se interessado pela defesa do descanso semanal, quer na cidade, quer nos conselhos circunvizinhos. Avistou-se ultimamente com o governador civil, que a atender com invulgar amabilidade, prometendo fazer cumprir as leis, o que de facto succedeu, pois que em Almeirim onde os patrões só davam algumas horas de repouso aos empregados, estes gosam presentemente o dia de descanso a que tem direito. Também esta autoridade circulará aos administradores de concelhos vários para que façam cumprir as leis. Sobre o horário está a direcção do sindicato a preparar uma estatística que habilite as autoridades a saberem em que concelhos deste distrito é não se cumpre.—C.

CONFERÊNCIAS
Valores morais e sociais na literatura

O dr. sr. Câmara Reis realiza hoje, pelas 21 horas, na secção da U. P. P. instalada no Sindicato Unico da Construção Civil, a 3.ª conferência da série que sob o tema *Valores morais e sociais na literatura* vem efectuando no mesmo local. O distinto professor occupar-se-á hoje especialmente de Tolstoi, devendo ler e comentar algumas das melhores páginas do grande romancista.

"O que é a Associação"

No Sindicato Unico dos Trabalhadores de Limpezas e Pinturas de Navios no Porto de Lisboa, realiza depois de amanhã Manuel Joaquim de Sousa uma conferência sob o tema: «O que é a Associação».

Grupo Educação Social de Palma

Por motivos imperiosos fica transferida para a próxima terça-feira a conferência que o camarada José Carlos de Sousa, do grupo Anarquista «O Semeador», devia hoje realizar na sede do Grupo Educação Social de Palma, rua da Beneficência, 213.

"A evolução social portuguesa" pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Perante um numeroso público, que enche a sala do sindicato dos empregados de escritório, realizou no domingo o dr. sr. Amâncio de Alpoim a sua annunciada conferência sobre a «evolução social portuguesa».

Depois dum interessante introito justificando como, em virtude da proibição, feita ao abrigo dum lei que já tem cabelos brancos, da sua conferência passada, teve de recolher novo tema, para não ser obrigado a servir conferências às postas, o orador, entrando propriamente no assunto, inicia as suas considerações afirmando que o ensino oficial da história sobre ser inútil, por apenas relacionar nomes de guerreiros, datas de batalhas, isto é, glorificar a violência, se torna mentiroso quando, chegando aos nossos dias, e depois de ser obrigado a confessar que cada página de história é uma transformação, uma modificação num sentido de progresso, manda que os professores afirmem aos seus alunos que a evolução parou—que o dia de amanhã será igual ao de hoje. E quando os revolucionários, seguindo as lições que a história lhes dá, desejam agir e realizar uma obra de transformações, chamam-lhes utópicos e criminosos—quando se não pode negar que essa transformação não tenha sido constante e que, portanto, deve proseguir. Mostrando quanto há de reacção e de falso neste critério de História, explica como ele leva à noção da Patria erigida pela violência e vivendo da exploração dos vizinhos—ante a qual se exige que nos curvemos numa adoração ridícula.

Aqueles que andam hoje pregando a glorificação de Nuno Alvares, que querem que decorremos todas as datas gloriosas em que a nossa violenta exploração se manifestou, é bom indicar a orientação de exploração perpétua em que temos vivido e o espírito de rapina que nos guiou, nos factos culminantes da nossa história, que, precisamente, dizem constituir a nossa glória.

A esses deve-se-lhes mostrar a história de Portugal tal qual ela é—e não como no-la mostram os compêndios oficiais.

O orador faz depois uma brilhante exposição do início da nacionalidade e de como desde logo se manifestou o instinto de roubo, de violência, de viver à custa dos outros, que tem sido a faceta preeminente da sociedade portuguesa. Com a ajuda dos cruzados que aqui passavam em direcção ao Oriente os fidalgos e vilões daquele tempo conquistaram aos mouros toda a terra que occupavam, escravizando-os em seguida.

Vivendo à custa do agricultor esforçado e do artista habil que era o moiro, a nossa cobicia não se satisfiz e logo, exaustos aqueles, nós voltamos-nos para o mouro africano e para o judeu.

O judeu era rico; passou a pagar-nos o próprio ar que respirava. Procurar trabalho probo e dignificante nunca foi objectivo que nos tentasse. Havia necessidade, pois, de tentarmos uma grande empresa em que ficassem asseguradas a mandricie e o luxo da aristocracia e do clero dominantes.

A Africa, a Índia, o Brasil surgem-nos de uma visão fantástica; o El-Dorado, que enarnicadamente procuravamos, tinhamo-lo enfim.

A pretensão de levarmos a cruz aos infieis roubámos-lhes o ouro, as especiarias a golpes de montante e de bombardas. O ouro que roubámos, tornou-se, porém, ouro maldito. As conquistas envileceram-nos e arruinaram as actividades nacionais.

O ouro trouxera-nos a miséria. Tentou Pombal e a elite que o acompanhou realizar na vida nacional uma profunda transformação. A breve era vencida pela nobreza e pelos jesuitas a quem essa transformação de maneira alguma convinha.

Perdida a Índia e o Brasil e não havendo lá fora mais nada para explorar, o povo teve a noção de que a exploração interna ia recrudescer—porque de nenhum modo as classes dominantes haviam de aceitar uma quebra na sua ambição e ociosidade. Veiu então o liberalismo.

E é interessante constatar que, apesar do anseio de libertação que esse movimento trazia, essas classes conseguiram, mesmo assim, maneira de manter a sua exploração.

Depois de exgotadas as últimas moedas dum passado glorioso pelo roubo, a pretensão de obras de fomento que nunca se realizaram, começou-se a contrair empréstimos sobre empréstimos, a viver num regime de continuo calote. Ainda mesmo após a implantação da Republica, as primeiras dissidências não são mais do que o reatar de relações com um passado de cobicia, de violências, de ociosidade e de roubos—que são a síntese de toda a nossa glória.

JULGAMENTO

Responde hoje no 2.º Distrito do Tribunal da Boa Hora, às 12 horas, o operário Jaurés Viegas, que se encontra preso já há bastante tempo. E' seu defensor o dr. Sobral de Campos, advogado do Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidária.

RESPIGANDO...
Origem do ideal social

O ideal social nasce ou do desespero de quem vive uma existência cheia de sofrimento, de dor, de miséria e que sente, naturalmente, a necessidade e tem a consciência do direito duma vida melhor, mais justa e mais bela, ou de convicções sociais derivadas do estudo aturado e científico da sociologia.

No primeiro caso, o ideal ou aspiração sociológica é mais um sentimento do que uma idea, é mais uma solução estética do que científica. E' essencialmente negatista, destruidor e a parte reconstrutora tem por base a intuição da verdade nascida, não do saber, da reflexão científica, mas, sim, do Bem e do Belo. O ideal do bem em contraposição ao mal do presente, leva a grande maioria da humanidade a sofrerem a pressentir e a consubstanciar-se intuitivamente no ideal de justiça e de verdade que a sciência faz futuro por meio das suas leis e provisões e que o humanitarismo exige.

No segundo caso, ele nasce do raciocínio limpo, do estudo honesto, da observação sincera, auxiliada pelos conhecimentos que a sciência desinteressada fornece aos estudiosos. E' uma idea, uma convicção, uma resultante de induções, e ele impõe-se ao cérebro como sendo a Verdade. Não é somente o dó ou o desespero da fome que lhe faz nascer a simpatia pelo ideal. Não! E' também a convicção, a idea de justiça—e não apenas o sentimento, o lado estético.—aderem à verdade!

Para os primeiros a realização do Ideal é a Vida! O Bem! Para os segundos é também e sobretudo, a Verdade, e a Justiça.

Os primeiros revoltam-se e contentam-se em saber que o quadro que idealizam da sociedade futura, é a concretização do seu bem-estar, do direito que lhes assiste à vida!

Os segundos revoltam-se igualmente, mas sobretudo para destruir a mentira social e, não se contentando com o que satisfaz os primeiros, querem mais, querem saber sobretudo se esse ideal de bem-estar e de justiça é apenas uma aspiração ou se está ou não conforme a sciência social, se ele traduz todas as previsões sociológicas e se está de harmonia com as induções que nos dão os factos históricos.

Ora são estes factos históricos—o método sociológico por excelência—que nos vão fornecer o critério objectivo para avaliar da razão do nosso Ideal.

O passado e o presente da humanidade são uma linha recta; prolonga-la é encontrar o futuro. A evolução humana diz-nos qual é o ideal para que caminhamos. A observação das sociedades presentes dão-nos iguais prognósticos. Os raciocínios, as doutrinas, as teorias dos sociólogos, tais como Comte, Spencer, Giddings, Leleuorneau, Gnyau, De Greef, Novikov, Worms, etc., e as leis sociais descobertas por eles confirmam e completam a nossa convicção, o nosso Ideal.

Que morram de fome é o que o Estado deseja a operários seus

No Parque das Necessidades empregam-se nos trabalhos agrícolas 4 trabalhadores que passam uma vida cheia de misérias, porque têm o salário de 5000 por dia! Esta situação desesperada há 2 anos, sem que tenham esperança de melhorar.

Por várias vezes se têm dirigido ao administrador de nome Andrade, mas este diz-lhes que não tem culpa, e já os aconselha a irem ter com o ministro das Finanças, o que já fizeram, expondo-lhe a sua situação, tendo-lhes este senhor respondido não ter o ministério verba, e por isso não os podia aumentar.

Convém dizer, que um dos trabalhadores tem 25 anos de serviço e se não morreu já de fome, é porque sua dedicada companheira o auxiliava, mas esta acaba agora de ser morta por um automóvel, quando se encontrava sentada à sua porta.

E é esta a sorte dos que só do trabalho vivem.

Será o ministro capaz de se governar a si e aos seus com 5000 por dia? Se é, deve-nos ensinar, porque muito lucraremos com isso.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Rurais e construção civil de Mirandela

MIRANDELA, 13.—Os rurais ainda ganham o miserável salário de 7000 e, no entanto, pretendem reduzir-lhes esse mesmo salário, a pesar de virem aumentando os preços dos géneros, custando actualmente o azeite 6000 o litro, o feijão branco 3000, o grão de bico 2500, a batata 1335 o quilo, o centeio 5000, o trigo 3000.

Ninguém dá aqui trabalho aos operários da construção civil, mesmo em face de muitos prédios que necessitam reparações urgentes. Na rua Dr. Eugénio de Andrade há uma fila de prédios que estão a esborraçar lentamente, indo toda a população todos os dias ver se se caem.

Entretanto a Câmara não proc. o remedio, porque os proprietários são também autoridades.

Os rurais de Moura occupam-se da crise e do salário mínimo

MOURA, 13.—Têm-se vindo occupando os rurais desta localidade da crise de trabalho e fixação do salário mínimo, que se resolveu fosse de 9000.

Como a Câmara Municipal pretende hipotecar o terreno da contenda para abrir trabalhos, os rurais estão dispostos a promover um protesto contra esse facto, reclamando a divisão do dito terreno.

Tem assistido às assembleias um representante da U. I. E., que nada tem adian-

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité confederal

Reúne hoje às 21 horas.

Secção de União

Reúne amanhã, pelas 21 horas, a Secção de União, devendo comparecer todos os delegados que no Conselho Confederal representam as Uniãos de Sindicatos.

COMUNICAÇÕES

Federação Nacional Corticeira

Reuniu o conselho confederal deste organismo no passado domingo para se occupar dum assunto de alto interesse para a organização. Presidiu o delegado de Aldegalga, secretariado dos delegados de Almada e Seixal. O conselho occupou-se detidamente da situação da classe em Vendas Novas e Évora, em virtude de anomalias ali observadas ultimamente, a existência das quais atribui à falta de acção dos sindicatos respectivos. Depois de ouvir os delegados que foram áquelas localidades, o conselho deliberou indicar ao sindicato de Vendas Novas o dever de substituir imediatamente a actual direcção e protestar contra as cavilosas insidias com que um componente da classe, em Évora, malévola e tendenciosamente pretende alvejar a Federação, ejaculando para esse efeito as mais torpes calúnias.

O conselho resolveu mais incumbir a comissão administrativa de desenvolver a acção que for indispensável a fim de fazer terminar as citadas anomalias.

Seguidamente apreciou demoradamente o relato dos delegados que assistiram à reunião de Belém, onde foi escalpelizada uma detecção ali existente, na qual estavam envolvidos alguns membros da direcção do sindicato, o que estava contribuindo grandemente para a irradiação de casos semelhantes. Por esse facto deliberou aceitar o pedido de demissão de delegado à Federação de Justino Camacho, por reconhecer que attitude ultimamente assumida por aquele militante se não harmoniza com a orientação demarcada, não só pela Federação, como pelo congresso corporativo ultimamente efectuado em Castelo Branco.

Por último ouviu o delegado que foi a Silves, resolvendo que uma comissão se aviste com o director geral da Alfândega para tratar do caso da apreensão de cortiças naquela localidade. Nomeou Adriano Pimenta delegado para Vila Nova de Gaia, como havia sido resolvido na reunião anterior, e um outro delegado para assistir a uma reunião na Póvoa de Santa Iria.

Compositores Tipográficos.—Continuou a discussão sobre as causas da suspensão do jornal O Mundo. Depois de usarem da palavra vários oradores, foi aprovada a seguinte proposta:

«A assembleia geral da Associação dos Compositores Tipográficos, reconhecendo que o quadro tipográfico do jornal O Mundo pôs à prova o seu espirito de sacrificio no intuito de salvaguardar a Organização de Trabalho em vigor nos jornais, afirma aos colegas que constituem esse quadro toda a sua solidariedade moral e a poderes bastantes à Direcção do Sindicato para convidar os quadros dos jornais diários a enviarem delegados a uma reunião onde se procurará assegurar áqueles colegas todo o apoio material possível, independentemente da solidariedade que por outra forma a classe esteja habilitada a prestar-lhe».

Devido ao adiantado da hora, a assembleia foi suspensa, para continuar na sexta-feira, pelas 18 horas, devendo os delegados dos jornais reunir na quinta-feira, às 18 horas, para resolver sobre a proposta.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação da Construção Civil.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa e em conjunto o conselho administrativo do Sindicato da Construção Civil de Lisboa para tratar de um assunto de interesse para os dois organismos.

—Pelas 21 horas, a comissão nomeada tado e dois delegados da C. Civil que têm feito palestras sobre organização.—C.

Litógrafos e anexos

Ontem reuniu o pessoal da casa Viuva Ferrão na sua totalidade. Depois de discutirem acaloradamente o assunto que os levou a reunir, resolveram dar todo o apoio à comissão administrativa do Sindicato para ela resolver em conformidade com o pensar nesta reunião manifestado.

Para tratar de um assunto que se prende com a sua saída da litografia Foto-Litográfica, é convidado a vir a esta associação, amanhã, pelas 20 horas, o pessoal despedido desta casa.

O SINDICALISMO EM MARCHA

Pela organização algarvia

Trabalha-se para a efectivação da conferência inter-sindical.—Vão reorganizar-se os rurais de Messines

MESSINES, 13.—Reuniram as classes operárias desta localidade, sob a presidência de Serafim António Pacheco, secretariado pelos camaradas Manuel Lúcio e José Correia Gravas.

Depois de aberta a sessão o presidente lê um officio da Delegação Confederal do Sul, pedindo um delegado sindicado para se fazer representar na conferência Inter-Sindical do Algarve, sendo nomeados Joaquim Pedro Machado, pelos corticeiros e Pedro Cortes dos Reis, pela construção civil.

Em seguida Joaquim Inácio, que sobre o assunto fora entrevistado o administrador do conselho de Silves, comunicou ter sido dada autorização para se efectuar um comício público no dia 22 do corrente, para o qual foram convidados a usar da palavra José Negrão Buisel e um delegado da C. G. T.

Foi depois nomeada uma comissão para reorganizar os rurais desta localidade, que ficou constituída por Joaquim Inácio, Serafim do Nascimento e Joaquim Vieira Lúcio.—C.

em reunião do Conselho Federal para tratar do assunto respeitante ao gabinete desta Federação.

Federação Mobiliária.—Comissão administrativa.—A's 20,30 horas, para continuação de trabalhos.

Federação do Calçado, Couros e Peles.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Operários Municipais.—Pelas 20 horas, o operariado municipal, para tomar conhecimento das demarches realizadas junto da vereação sobre as reclamações da classe.

Federação Metalúrgica.—A's 20 horas, o Conselho Federal, para tratar de assuntos de alta importância.

Cocheiros.—Assembleia geral, às 21 horas, para, entre outros assuntos, tratar de aumento de salário.

Marinha Mercante.—A's 20 horas o conselho inter-sindical.

S. U. C. Civil.—A's 20 horas a comissão revisora de contas.

Manufactores de Calçado.—Pelas 21 horas, em assembleia geral, para apreciar o pedido de demissão de Jaime Vasco que desempenha as funções de secretário adjunto, por terem sido feitas afirmações sobre a sua conduta moral.

Pede-se a todos que tenham afirmações a fazer, que as façam nesta assembleia.

Será também apreciado o relatório moral e financeiro da direcção transacta.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

Litógrafos e Anexos.—Tomam amanhã posse os novos corpos gerentes.

S. U. da Construção Civil.—Secção Sindical de Belem.—Na próxima quinta-feira reúne a assembleia geral, para tomar conhecimento do resultado do inquérito ao escândalo das Obras das Casas Económicas de Ajuda.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Empregados no Comércio e Indústria de Olhão.—Em reunião da assembleia geral foram eleitos para os corpos gerentes do corrente ano: Assembleia geral: presidente, José Tomás da Graça; vice-presidente, José Cordeiro Guerra; secretários, José Ventura Cuba e João de Sousa Vitorino. Direcção: Presidente, José dos Santos Valentim; secretário, Virgílio Morgado; tesoureiro, Manuel Pedro Barreiro; vogais, José Ramos Iria e Manuel R. Passos. Conselho Fiscal: Presidente, Alvaro António Gouveia; secretário, Inácio Gonçalves; relator, João Tertuliano Pires; bibliotecário, José Ramos Iria.

A direcção desejando manter as melhores relações com todas as suas congéneres renova os protestos da sua leal camaradagem.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Fede-se a compariência na sede do Núcleo da Comissão de Festas, pelas 20 horas e 30.

Secção dos Empregados no Comércio.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral desta secção.